

CARLOS DE BRITO E MELLO

A cidade, o inquisidor e os ordinários

Copyright © 2013 by Carlos de Brito e Mello

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas <confirmar>

Imagem de capa

Walmir Monteiro/ SambaPhoto

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Thaís Totino Richter

Huendel Viana

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mello, Carlos de Brito e

A cidade, o inquisitor e os ordinários / Carlos de Brito e Mello;
tradução Dirce Miyamura — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2316-2

1. Ficção brasileira I. Título.

13-07868

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Os atos imorais, contrários aos costumes humanos, devem ser evitados por causa desses mesmos costumes, variáveis conforme os tempos, a fim de que não seja violado pelo capricho de quem quer que seja, cidadão ou estrangeiro, o pacto estabelecido pelo costume ou pela lei de uma cidade ou de uma nação.

Santo Agostinho

E fique sabendo: quem não se arrisca não pode berrar. Citação. Leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi.

Torquato Neto

Meu veredicto poderia se resumir tão somente a isto: é um homem; está condenado.

O Decoroso

*Cabe distinguir, entre os tantos que compõem o
elenco ordinário desta narrativa, os personagens
abaixo, cujos atributos e destino começamos agora
a conhecer:*

O DECOROSO
O APREGOADOR
O OLHEIRENTO

A IMPOSTORA
O BEM COMPOSTO
A AMADA

A QUITUTEIRA
AS VIZINHAS
OS ANDARILHOS

O VERSIFICADOR
O PRESTÁVEL
O CANDIDATO

ESPOSO E FILHOS DA AMADA
OS PASSANTES
UM BOBO

Prólogo

O APREGOADOR

Por este édito de fé dos bobos, todos os homens que dormem e acordam nesta vizinhança estão convocados a examinar, com severidade, seu caráter, seus modos e suas ações. Aqui e ali, a norma foi ferida, mas o pecado de apenas um é suficiente para emporcalhar nossa praça civilizada e comum. A cidade constitui o tablado onde se realizam a investigação, a sentença e a purgação dos crimes que, incidindo sobre a saúde de corpos e almas, têm conduzido indivíduos citadinos de bons a ruins, e de ruins a piores.

Não se apressem os pecadores, entretanto, em vir para as ruas com galhos secos e querosene para fabricar a sua própria fogueira punitiva. Vocês serão visitados em casa e aí mesmo sofrerão. Este édito vale para todos, ordinários que somos e sujeitos que estamos a todas as modalidades de lei, sobretudo aquela que, mais justa do que as demais, poderá, a qualquer momento, nos acusar: a lei do decoro.

Preocupemo-nos com a correção dos nossos destinos e evitemos o enxovalhamento que poderia fazer de todos nós homens bobos. Contra a bobeira, vige esta inquisição.

PARTE I

1.

Quando o decoro se confronta com a bobeira

O DECOROSO

Vejamos este homem; este, somente este; este, e não outro homem; depois, com censura, desprezo e ditame, veremos todos os homens.

Assim ele se apresenta: sem elmo, pois os dois grandes bernes que hospeda entre os cabelos impedem, como iniciantes chifres de um bezerrão mal mochado, que equilibre capacetes ou chapéus sobre a cabeça; sem gládio, espada, lança ou outro armamento, já que a artrose lhe degenerou as munhecas, que nada podem sustentar nem empunhar; sem montaria, devido à dilatação das veias hemorroidárias, e uma sela na qual pudesse sentar-se lhe machucaria o cu.

Assim o homem se apresenta também porque, nos dias atuais e nesta cidade de horizonte duvidoso, não existem mais elmos nem armas, e os corcéis das antigas armadas foram substituídos por pangarés atrelados a carroças para carregar entulho proce-

dente de obras da prefeitura. Falta-nos muito, sobra-nos pouco: sem tropa a marchar, reino a defender, rei a obedecer e rainha a saudar, restaram-nos, com desnecessária e ruinosa fartura, os bobos carecidos de corte. Bons tempos deviam ser aqueles; estes são infames.

Maus dias. Mau lugar. Maus homens.

Com tão poucos recursos, nenhuma guerra que renovasse nossos ânimos ou que nos partisse definitivamente ao meio, livrando pelo menos este solo da nossa coxeadura, poderá suceder-se. E esta asfaltada comarca sovina, nem enriquecida pela vitória nem arrasada pela derrota, continuará a ser tão somente o que é, e essa fatalidade eu acho que deveríamos todos rejeitar.

Mesmo que fôssemos mais apetrechados e ricos, coisa que não somos, eu não saberia dizer com certeza se, noutras estâncias, encontraríamos infantarias inimigas dispostas ao combate, com combatentes mais nobres do que os nossos, que, já sabemos, por nenhum sangue nem saque combaterão. Não saberia dizer nem mesmo se, além do loteado perímetro onde moramos, existem comarcas semelhantes, com seus próprios prédios, ruas, automóveis e povo, e se nelas moram homens mais íntegros. Decerto, se existirem, eles avançam apenas até a ordiná-los, como os nossos, quando não descem a coisa pior, também como os nossos.

Assim é que todos nós, homens sem glória e sem ventura, tornamo-nos suscetíveis à bobeira, como se fôssemos portadores de uma lenta mas provável doença cujo vírus, em forma de sina, se incubasse em nosso caráter; ou então que à bobeira nos descobríssemos, fatalmente, tendentes, como perpetradores de um crime que nos fosse previsto cometer, a partir de alguma hora da vida e, daí por diante, diariamente. Convivendo com tão

violentas ameaças, não se pode desenvolver nenhuma porção de civilização com saúde e inocência.

Devemos ter para nós, no entanto, para que não sejamos todos enxotados deste assoalho de comunidade pela mesma vasourada, que o escopo dos homens ordinários varia dos esforçados e razoáveis aos torpes e lamentáveis. Pertencço aos primeiros; os bobos, aos últimos.

Embora eu também seja um homem ordinário, não me igualo ao meu escarrapachado colega, se é que posso considerá-lo colega. Pois, ainda que eu não seja exatamente uma pessoa boa, é diante do pior que me encontro, e, quando comparado ao pior, o mediano passa por bom, assim como o remediado aparenta sanidade ao doente, e o arrependido ostenta correção aos olhos do prevaricador. Então, fico sendo eu o bom, o são e o correto. Para o interior das espeluncas de gente nojenta, vim para ser o seu valor, o seu remédio e a sua lei.

2.

*Em que se preparam os dois fiéis servidores
da inquisição*

O APREGOADOR

Vai começar de novo.

O OLHEIRENTO

Estou de olho.

O APREGOADOR

E de ouvido, espero eu.

O OLHEIRENTO

E de ouvido, claro. De olho e ouvido. Sempre. Quer uma prova? No apartamento ao lado de onde se encontra o sr. Decoro-
so, por exemplo, está vendo televisão o vizinho, com seu restinho

de tosse tuberculosa e as pernas esticadas no sofá, enquanto o rabo do gato estimado lhe escorrega de uma das mãos, sem que se possa retê-lo. Quer outra prova?

O APREGOADOR

Não precisa. E a rede de pesca?

O OLHEIRENTO

Não sai da minha mão. Na celeste lagoa que fica acima das nossas cabeças, Deus é um bagre acoutado, sujo de satélites em vez de lama. Sua couraça alva e os barbilhões supranaturais podem despontar de uma nuvem a qualquer momento. Mas e você? Não vai apregoar?

O APREGOADOR

Estou me preparando. Hum, hum. Limpando a garganta. Fazendo exercícios de vocalização. As bruscas mudanças de tempo não fazem bem para a minha voz.

O OLHEIRENTO

Não saímos mais do alto deste prédio, vivendo ao relento para servir o nosso inquisidor. Sol, chuva e vento são nosso lustre e abajures, nossas torneiras e chuveiro, nosso ventilador sempre ligado. E, quanto à apregoação, apresse-se.

O APREGOADOR

Pare de me apressar e preste atenção no que acontece no apartamento onde está o sr. Decoroso.

3.

Em que o sr. Decoroso afirma a sua lei

O DECOROSO

Eu esperava que o homem na minha frente, inapto para lidar com qualquer empresa diária, como o trabalho, a amizade e o pagamento dos carnês, e visivelmente aplicado em sua própria degradação, fosse capaz, num só, brusco e último gesto, de renunciar integralmente a toda e qualquer empresa, diária ou qualquer outra, incluindo respirar e percutir o coração. Afinal, a morte não nos ameaça. Pelo contrário, ela enfeita e robustece a cultura com variados e valorosos rituais. A morte nos garante que não envelheçamos a esmo, e que comemoremos cada aniversário cômicos de que, nalgum momento do futuro, todas as acumuladas velinhas dos nossos bolos serão retiradas de lá de cima, meladas de glacê, impiedosamente, num só lance. Viver é que é um grande problema.

Com esse objetivo, ainda ontem de manhã eu trouxe para este homem e deixei sobre sua mesa de cabeceira um copo de água contaminada com cólera. À tarde, voltei à sua casa, retirei a

água do copo intocado e o enchi de soda cáustica líquida. Antes de anoitecer, em nova visita, deixei no lugar da soda rejeitada uma faca de cozinha que eu mesmo afiara, contrariando meu próprio desgosto com o derramamento de sangue que o seu uso pelo homem ocasionaria. De noite, troquei a inútil faca por um revólver, que permanece na mesma posição em que o deixei e com o mesmo número de balas em seu frio e imóvel interior.

Não quer morrer, então não morra!

Decidir matar-se exige um pouco de lucidez e ímpeto, coisa que este homem não tem. Quem dera se o seu conteúdo anímico coubesse no maquinismo de um revólver, e então o descarregássemos num lote estéril de terra, onde ele se infiltraria e sumiria com a velocidade do tiro. Porém, como ocorre com todos nós, neste homem corpo e alma são uma única, indissociável e suja coisa, e não podem ser manejados em separado, como faríamos com a bala e a pólvora.

Eis-me, então, recolhendo com a mão apumada o revólver. Se um homem se tornasse tão bobo a ponto de se apagarem de seu corpo e dos seus modos os traços de homem que um dia foi, eu ficaria mais tranquilo. Mas resta ainda suficiente hominidade na bobeira: um bobo forma um espelho afrontoso e execrável a ser consertado, a ser limpo, a ser justificado.

Dei-lhe muitas oportunidades para que, valendo-se de seus próprios modos, ele se retirasse dessa farsa medonha que se tornou sua vida. Mas o juízo de gente assim é um juízo corrompido. Aqueles que, como eu, ainda têm saúde devem emprestar raciocínio aos que não a têm. A civilização não se desenvolveu à toa. A civilização tem seus propósitos. Ela nos oferece cada vez mais recursos como a penicilina e a moralidade, a escova de dentes e a culpa, e não acho que devamos rejeitá-los. Para este homem

serei tudo isso e o que mais precisar para que ele se endireite, se corrija, se limpe, se cure. Matando-se, ele decidiria consigo a sua sorte e o seu azar; vivendo, perdeu-os para mim. Tenho lei própria: a minha lei.

Perto daqui, num prédio vizinho, aquele que tudo diz e aquele que tudo vê e ouve acompanham os acontecimentos deste quarto imundo de apartamento de centro de cidade. Serão ambos faces de Deus? De jeito nenhum. Deus não mais vê, nem ouve, nem diz. Meu apostolado ordinário e eu compomos os rostos somente de nós mesmos e constituímos um consórcio sem milagres, orientado pela repressão da bobeira, que procura sobreviver a este desastre de termos nos tornado todos homens tão abaixo do que deveríamos ser, homens tão abaixo do que deveríamos ter, homens tão abaixo de homens.